

Igreja Católica perde fiéis em todas as classes

Estudo divulgado pelo economista Marcelo Neri, a partir de dados do IBGE, indica que, entre 2003 e 2009, o total de católicos caiu em todas as classes sociais, recuando de 74% para 68% da população brasileira.

A porcentagem dos sem religião subiu também em todas as faixas. **Poder A10**

Queda de católicos atinge todas as classes

Estudo da Fundação Getúlio Vargas aponta redução no ritmo de crescimento dos evangélicos pentecostais

Para economista, o forte crescimento da renda dos setores mais pobres entre 2003 e 2009 pode explicar desaceleração

ANTÔNIO GOIS
DO RIO

De 2003 a 2009, a queda na proporção de brasileiros que se dizem católicos, de 74% para 68%, ocorreu em todas as classes sociais. Ao mesmo tempo, aumentou a porcentagem dos sem religião em todos os grupos de renda.

Esses são dados de um estudo divulgado ontem pelo economista Marcelo Neri, da FGV, feito a partir da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares), do IBGE.

Pelas contas de Neri, houve também uma diminuição no ritmo de crescimento dos evangélicos pentecostais de igrejas como Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus ou Congregação Cristã do Brasil. No período analisado, a proporção de pentecostais variou de 12,5% para 12,8% no total da população.

A tendência da década passada só será mais bem conhecida quando o IBGE divulgar os dados do Censo de 2010 sobre religião. Para Neri, porém, a POF indica que os pentecostais, que na década de 90 praticamente dobraram de proporção, podem estar perdendo fôlego.

Segundo o economista, uma possível explicação para esse crescimento menor é o fato de o período entre 2003 e 2009 ter sido marcado por forte crescimento na renda, sobretudo dos mais pobres.

“Em pesquisas anteriores, nós verificamos que os pentecostais cresciam principalmente em setores onde havia maior desemprego e menor renda. Como este período de 2003 a 2009 foi de crescimento a favor dos pobres, isto pode ter influenciado este crescimento menor”, afirma.

Ao fazer a divisão por classes, o estudo da FGV mostra que os pentecostais estão mais concentrados nas classes C, D e E, com proporções que variam de 13% a 15%.

Nas classes A e B, de renda domiciliar maior que R\$ 6.745, a proporção deste grupo religioso cai para 6%. O inverso ocorre com os espíritas kardecistas. Nas classes D e E, com renda domiciliar inferior a R\$ 1.200, eles são menos de 1%. No topo da distribuição de renda (classes A e B), representam 6% do total.

Papa defende 'radicalismo cristão' pela fé

DE SÃO PAULO

Em discurso na última semana em Madri, o papa Bento 16 defendeu um "radicalismo cristão", frente ao que ele considera um "eclipse de Deus, um certo grau de amnésia, senão um rejeição absoluta do cristianismo na sociedade".

Segundo ele, o homem atual está exposto ao risco de perder sua "identidade profunda".

"Diante do relativismo e da mediocridade, surge a necessidade deste radicalismo", disse Bento 16 a jovens e professores universitários

no Mosteiro de El Escorial.

O papa ainda criticou a ciência sem limites e o totalitarismo político.

RIO DE JANEIRO

No Rio de Janeiro, Estado que receberá em 2013 o papa na próxima edição da Jornada Mundial da Juventude, menos da metade da população (49,8%) se declara católica.

É a segunda menor taxa em todo o Brasil — Roraima tem a menor, com 47% —, de acordo com o estudo do economista Marcelo Neri, da FGV.

O Rio apresenta também uma das maiores taxas de moradores sem religião (16%), atrás, de novo, apenas de Roraima (19%).

Com agências internacionais

ANÁLISE

Os sem religião avançam nos extremos da pirâmide social

HÉLIO SCHWARTSMAN
ARTICULISTA DA FOLHA

Um dos grupos que mais têm crescido nas séries do IBGE é o dos sem religião. Nos anos 60 era uma categoria residual, com apenas 0,5% da população. Mas, de lá para cá, experimentou um crescimento bastante significativo.

Pelos dados da POF (é metodologicamente temerário misturá-los aos do Censo), os sem religião somavam 5,1% em 2003 e 6,7% em 2009. São quase 13 milhões de pessoas.

Embora o grupo seja em geral identificado com ateus e agnósticos, trata-se de uma rubrica bem mais ampla, que inclui quem migra de uma fé

para outra ou criou seu próprio "blend" de crenças. Em comum, têm apenas o fato de não pertencer a nenhuma instituição e não ter medo de dizê-lo em alto e bom som.

O trabalho de Marcelo Neri reforça a tese da heterogeneidade dos sem religião ao mostrar que eles crescem nos extremos do espectro social.

Entre os brasileiros com menos de três anos de instrução, os irreligiosos são 7,3% (contra 6,7% na população). Já entre as pessoas com 12 ou mais anos de estudo, o número vai a 7,5%. O detalhe instigante é que, quando se consideram apenas mestres e doutores, a cifra salta para surpreendentes 17,4%.

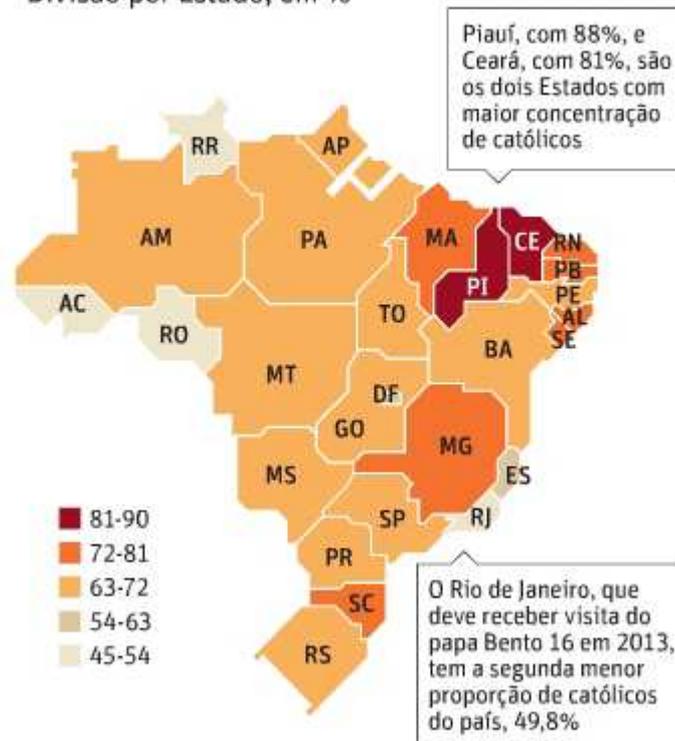
Essa distribuição é compatível com um perfil de sem religião no qual ateus e agnósticos preponderariam nas camadas mais instruídas e pessoas com uma religiosidade indefinida e desinstitucionalizada reforçariam os estratos de menor escolaridade.

A correlação entre hiperinstrução e ateísmo está bem documentada em diversos trabalhos de diferentes países. Já o maior trânsito religioso é mais comum entre os menos escolarizados.

Até onde os sem religião podem crescer é uma incógnita. Se o Brasil seguir um padrão próximo ao dos EUA, é razoável esperar que, nos próximos anos, o número se aproxime dos 15%. Se o modelo for mais próximo ao da Europa ocidental, aí as cifras podem exceder os 40%.

OS CATÓLICOS NO PAÍS

Divisão por Estado, em %



Fonte: Estudo da FGV, a partir de dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE

A DISTRIBUIÇÃO DAS RELIGIÕES

Estudo da FGV mostra concentração de evangélicos nas classes C, D e E

Proporção de grupos por classes sociais (em %)

